

Oitocentos

Arte Brasileira do Império à República

Tomo 2

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

Realização da Publicação

UFRRJ
CEFET-Nova Friburgo

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi

Projeto Gráfico

Camila Dazzi
dzaine.net

Editoração

dzaine.net

Editoras

EDUR-UFRRJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7





“Conector cultural”: Edgard Pinheiro Vianna e os caminhos da arquitetura carioca (1895 – 1936)

Fernando Atique*



Os trabalhos de divulgação das idéas que interessam, presentemente, á architectura encontram no architecto Edgard Vianna um vivo e enthusiastico cooperador.

Angyone Costa¹

Edgard Pinheiro Vianna: outrora, no grande circuito, agora, fora dos manuais



conceito de “conector”, proposto neste *paper*, responde a dois aspectos da pesquisa sobre o arquiteto Edgard Pinheiro Vianna: alinhar os percursos de um relacionamento cultural do Brasil com os Estados Unidos, e mostrar a inserção de um ator social na cena urbana carioca no princípio do século XX. O adjetivo “cultural” qualifica a ação de Vianna, revelando a pluralidade de iniciativas com as quais esteve envolvido, e mostra que as modificações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro foram fruto de ações de atores sociais que fomentaram associações entre profissionais e entre culturas.

O historiador Antonio Pedro Tota afirma que “um povo só incorpora um determinado valor cultural de outro povo se ele fizer sentido no conjunto geral da sua cultura. Isso significa que a assimilação cultural não se faz por imitação, mas por complicado processo de recriação”.² Diante do exposto, fica um pouco mais clara a noção de que uma cultura se conecta a outra, a partir da análise da pertinência de fatos, espaços e posturas político-sociais. Vê-se, então, que uma sociedade tem a possibilidade de ser ativa no processo de busca e de implementação de referências originalmente não pertencentes a ela. A ideia de conexão permite verificar o papel ativo de atores sociais no deflagrar

* Arquiteto e urbanista, mestre e doutor em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Universidade de São Paulo. É docente e pesquisador no curso de História da Universidade Federal de São Paulo. Autor dos livros “Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther” (RiMa / FAPESP, 2004) e “Arquitetando a ‘Boa Vizinhança’: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil – Estados Unidos” (Pontes / FAPESP, no prelo). E-mail: fernando.atique@unifesp.br

¹ COSTA, Angyone. **A inquietação das abelhas**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1927, p. 271.

² TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil à época da Segunda Guerra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 193.

da divulgação e da assimilação de elementos culturais. Ou seja, a modificação dos aspectos sociais se dá, na esteira de Simmel, por meio dos atores sociais.³

Torna-se interessante notar, então, que os atores sociais que buscaram, implementaram e conseguiram divulgar formas, teorias e comportamentos que responderam a certa demanda social, em grande medida, encontraram notoriedade. Esta notoriedade, no caso dos arquitetos, rendeu-lhes a efetiva oportunidade de projetar e construir aplicando - certas horas em maior grau, certas em menor -, as referências que traziam de uma cultura para outra, até torná-las, de fato, partes integrantes da sociedade à qual pertenciam. Defende-se, ampliando este conceito, que não apenas obras de construção civil servem de referências para as práticas arquitetônicas, mas, também, os suportes escritos e os imagéticos, revelando a pluralidade dessa profissão e de sua práxis.

Os arquitetos, em específico, no ato de projetar, operam por meio da busca e da análise de referências, as quais, podem gerar um repertório técnico-formal capaz de auxiliar na resolução das demandas impostas por um projeto. Saber quais referências são aplicáveis a determinadas demandas faz parte da educação profissional. Buscar entender quais caminhos um arquiteto trilhou ao projetar uma edificação permite recuperar as referências por ele aplicadas, mas, também, em sentido *lato*, compreender as propostas de ação e transformação da sociedade em que atuou. É com este pano de fundo que se analisa a trajetória de Edgard Pinheiro Vianna, arquiteto que já gozou de proeminência profissional, mas que, hoje, praticamente desapareceu da história da arquitetura.

Motivações Americanas?

Edgard Pinheiro Vianna nasceu no dia 3 de setembro de 1895, em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro; ele era filho de José Maria Vianna e de Maria Theresina Pinheiro Vianna. Apesar de fluminense, Vianna morou, durante toda a infância e adolescência, na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, no bairro de Santa Teresa, onde, por iniciativa própria, confeccionou e fez circular, por volta de 1907, um jornal intitulado *O Porvir* [Figura 1], no qual apresentava caricaturas em aquarela, transcrevia poemas e anunciava negócios disponíveis no bairro.⁴

³ As considerações de George Simmel acerca da chamada “sociologia das formas”, pela qual o pensador germânico apontou a pertinência de análise das microsferas da sociedade, por meio das interações entre seus atores sociais, servem de balizas a este artigo. Aqui, a análise está devotada à trajetória de Edgard Pinheiro Vianna, arquiteto envolvido com iniciativas ligadas à renovação física, imagética e cultural do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

⁴ Segundo depoimento de seu neto, guardião de alguns exemplares do ‘jornalzinho’. Entrevista com o arquiteto James Lawrence Vianna, realizada em 14 de janeiro de 2004.

Com 18 anos, nos primeiros meses de 1914, freqüentou a Escola Nacional de Belas Artes, - ENBA -, no Rio de Janeiro, como informa seu neto e guardião de seu acervo, o arquiteto James Lawrence Vianna. Essa informação também é confirmada por seu prontuário de aluno e pelo verbete a ele reservado no livro de formandos da *University of Pennsylvania* – Penn⁵.

Interessou-nos, então, tentar descobrir o que motivou a busca de Edgard Vianna por formação nos Estados Unidos. Embora tenhamos comprovado que muitos estudantes brasileiros rumaram aos Estados Unidos para prosseguimento de seus estudos por conta de uma íntima vinculação entre as escolas secundárias “americanas”, existentes no Brasil, e as universidades americanas, no caso de Edgard Vianna esta hipótese foi descartada.⁶ Ele não foi estudante de nenhuma escola americana no Brasil e não manteve relações com as igrejas de confissão reformada, outra suposta maneira de ter sido levado até os Estados Unidos.⁷

Uma possibilidade que, talvez, o tivesse levado aos Estados Unidos para se graduar, diz respeito à eclosão da Primeira Guerra Mundial, que teria inibido, ou até mesmo, impossibilitado a chegada de brasileiros à Europa, como sugeriu seu neto, o arquiteto James Lawrence Vianna, em depoimento colhido em 2004, em Niterói. Entretanto, pondera-se que esta pode ser sido apenas uma das razões e, pela análise da documentação encontrada, talvez nem tenha sido a mais preponderante. Em primeiro lugar, sabe-se que, embora muitos brasileiros tenham deixado de rumar à Europa para se graduarem por conta do conflito, o fluxo Brasil-Europa não cessou por completo, e mais, a simples eclosão da Guerra não justificaria a escolha da Penn como local para seus estudos, já que ele cursava a Escola Nacional de Belas Artes, sediada na cidade em que habitava e com uma excelência de ensino, naquele momento.

O que parece ter sido a razão de maior relevância para a busca pelos Estados Unidos como opção de formação profissional, por Vianna, foi exatamente seu contato com a ENBA. Ali, ligações com os Estados Unidos já ocorriam, quer em termos de bibliografia,⁸ quer por contato com

⁵ UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, Architectural Archives, Folder: Vianna.

⁶ ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano (1876-1945). (Tese de Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

⁷ Idem, ibidem, p. 167. Isso ocorreu, por exemplo, com George Krug.

⁸ A título de ilustração, algumas obras básicas nos cursos de arquitetura dos Estados Unidos, presentes no acervo da antiga ENBA, eram: a revista *Architectural Record*, editada pela McGraw-Hill, em Boston, cujos volumes na escola remontam a 1912 (1912 v. 31 n. 1; 1912 v. 31 n. 2); os três volumes do *A Dictionary of Architecture and Building: biographical, historical, and descriptive of many architects, painters, engineers, and other expert writers, American and foreign*, escrito por Russell Sturgis, em 1901, além de livros sobre representação gráfica, como *os de Lieut R. S. Smith*, chamado *A Manual of Topographical Drawing*, de 1902; *Topographical Drawing and Sketching Including Applications of Photography*, e *Topographical Drawing and Sketching*, ambos da lavra de Henry A. Reed, editados, respectivamente, em 1897e 1906; *Architectural Drawing*, de William A Radford, publicado por volta de 1912, etc. Cf. ATIQUE, Fernando. Um Sotaque Disfarçado: A recepção de referências americanas no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. **19&20**, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm

docentes, que, embora não-americanos, eram colaboradores de periódicos estadunidenses. Esclarecendo este fato, convém dizer que não restam dúvidas de que a *School of Architecture* da *University of Pennsylvania* já era conhecida no Brasil, em função da revisão do sistema de ensino *beauxartiano*, que levou os docentes brasileiros a mirarem, também, as *Fine Arts Schools* norte-americanas.⁹ Neste sentido, a presença do professor Adolpho Morales de Los Rios, na ENBA, pode explicar a tomada de decisão do jovem Edgard Vianna pelos Estados Unidos. Morales de los Rios tinha comprovada vinculação com o universo editorial americano, pois era leitor assíduo e articulista eventual de publicações como a revista *The American Architect and Building News*¹⁰. Afora isso, é sabido que na tese que apresentou ao concurso para provimento do cargo de professor de estereotomia na ENBA, em 1897, ele fez explícita referência ao modelo de ensino superior da *Stanford University*, nos Estados Unidos.

Não se sabe se Edgard Vianna foi aluno de Morales de los Rios no curto período em que frequentou a ENBA, mas face ao contato mais próximo que os dois vieram a travar, anos depois, lança-se a hipótese de que Vianna tenha levado em consideração eventuais indicações de Morales de los Rios.

Por outro lado, a Penn era uma escola já conhecida, naquele momento, da China à Argentina. Não se estranha, portanto que, a mesma tivesse sido elencada, por Morales de los Rios, como uma possibilidade de formação para brasileiros. Por volta de 1913-1914, o Brasil já tinha atuando, inclusive, profissionais ali formados: George Henry Krug, proeminente colaborador de Ramos de Azevedo e projetista de renome, e o polêmico Christiano Stockler das Neves, ambos radicados em São Paulo. Isso sem levar em conta o grande número de médicos e, sobretudo de dentistas, que haviam se formado na Penn e que atuavam no Brasil todo, em especial no Rio.¹¹

Em suma: crê-se que a passagem de Vianna pela ENBA foi o estopim deflagrador de sua opção pela *University of Pennsylvania*. É possível que a Primeira Guerra talvez o tenha desviado de um suposto objetivo de se graduar na Europa, mas é incontestável que sua partida para os Estados Unidos fora uma opção consciente, em vista de tudo o que se expôs.

Em terras americanas em busca do ofício de Arquiteto

A chegada de Edgard Pinheiro Vianna aos Estados Unidos ocorreu no dia 03 de setembro de 1914, dia de seu 19º aniversário, conforme atesta a documentação sob guarda da *Ellis Island*

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ ATIQUÉ, *Arquitetando a “Boa Vizinhança”*..., op. cit., p. 172.

Foundation, em Nova York.¹² O registro de desembarque dos passageiros do navio São Paulo apontou que Edgard Pinheiro Vianna viajou acompanhado de seu irmão mais velho, Silvio Pinheiro Vianna, e de sua cunhada Zaira B. Vianna. A presença desses parentes mostra que a família apoiou a decisão de Edgard Vianna de se diplomar nos Estados Unidos, acompanhando-o, inclusive, para o ajudar com sua instalação em terras americanas.¹³

Seu prontuário, na *University of Pennsylvania*, [Figura 2] foi aberto em 23 de setembro de 1914. Nele consta seu ingresso no *Freshman* do curso de formação de Bacharéis em Arquitetura e a atribuição de equivalência de créditos em disciplinas do início do curso, a saber: *Architecture 12* e *Architecture 14*, ambas versando sobre representação gráfica.¹⁴ Pela leitura de seu prontuário, percebe-se que Vianna também foi dispensado de cursar as disciplinas *Architecture 9 – The Elements of Architecture* -, que consistia numa série de palestras acerca das cinco ordens arquitetônicas, suas formas afiliadas e derivadas; *Architecture 11*, que apresentava os princípios de desenho artístico; *Architecture 26 – Architectural Drawing* -, na qual os ensinamentos de desenho técnico eram ministrados pelo Professor Laird; *Architecture 27 – Descriptive Geometry* -, que introduzia a questão das projeções ortográficas, criação de sólidos de revolução e demais operações espaciais, cujo corolário estava, exatamente, na disciplina *Architecture 28 – Shades and Shadows* -, a última a ser retirada do rol de obrigadoriedades de Vianna no curso da Penn.¹⁵ Embora não se tenha localizado o prontuário de Vianna no acervo da antiga ENBA, é notório que as equivalências de créditos alcançadas por Vianna, na Penn, mostravam a aproximação dos conteúdos das aulas da escola carioca e da escola da Pensilvânia, ambas vinculadas ao ideário das *Écoles de Beaux-Arts*, embora, também ambas, reavaliadoras dos métodos originais dessas instituições europeias. Esta equivalência de ensino atesta uma triangulação de saberes entre Estados Unidos, Europa e Brasil, documentada em estudos recentes de pesquisadores paulistas.¹⁶

¹² Cf. **The Statue of Liberty** – Ellis Island Foundation. Disponível em: <http://www.ellisland.org/shipping/FormatTripPass.asp?sship=Sao%20Paulo&BN=P00051-4&lineshipid=22523&shipid=#.asp>? Acesso em 11 de fevereiro de 2010.

¹³ Cf. Ellis Island Foundation, já citada.

¹⁴ A primeira enfatizava a feitura de simples objetos, por meio do desenho de observação, e apresentava, ainda, as técnicas de uso do carvão e da execução de elementos tridimensionais. A segunda, nítida continuação da disciplina descrita anteriormente, induzia à reprodução, por meio do uso do carvão, de fragmentos de ornamentos e de arquiteturas. Ambas as disciplinas eram ministradas pelo Professor Dawson. Os livros de representação gráfica estadunidenses encontrados na antiga biblioteca da ENBA devem ajudar a explicar o porquê da equivalência de créditos nessas disciplinas.

¹⁵ UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, Architectural Archives, Folder: Vianna.

¹⁶ A esse respeito, consultar as teses de doutoramento de: CAMPOS, Cristina de. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infra-estrutura territorial e urbana paulista. 2007. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; BERNARDINI, Sidney Piochi. **Construindo infra-estruturas, planejando territórios**: A Secretaria de Agricultura, comércio e Obras.Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926). Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; FERRAZ, Artemis Rodrigues Fontana. A

Nos primeiros anos de estudo nos Estados Unidos, as dificuldades de acompanhamento do curso foram inúmeras para Vianna: ele foi deixado em exame, diversas vezes, em várias disciplinas, chegando, inclusive, a obter reprovação em algumas delas, o que adiou em um ano a data de sua formatura, ou seja, de 1918, para 1919.¹⁷ Nota-se, entretanto, que as dificuldades de Edgard Vianna não eram localizadas em determinada área do conhecimento, o que, naturalmente, poderia levar a supor certa inaptidão em algumas disciplinas, mas vislumbra-se que, de fato, o fator complicador para um alto desempenho na universidade era a língua inglesa que, parcamente dominada, dificultava a retenção dos conteúdos programáticos ministrados pelos docentes.¹⁸

Se, nos primeiros anos do curso, Vianna demonstrou um desempenho acadêmico difícil, a partir do ano letivo de 1917, em função de um maior domínio da língua inglesa, bem como de sua aclimação às regras acadêmicas e às formas de sociabilidade norte-americanas,¹⁹ ele obteve excelente desenvoltura acadêmica. Este incremento, segundo aponta Angyone Costa, no interessante livro *A inquietação das Abelhas*, publicado em 1927, no Brasil, garantiu-lhe “varias premiações honrosas, nem sempre concedidas a estrangeiros”, como “o 2º lugar em concurso procedido entre as universidades americanas que possuem academias de architectura, pela Beaux Arts Institute of Design [sic]”.²⁰ Corroborando esta ideia, está o aceite do, então, estudante, dentro dos quadros da *Architectural Society*, entidade que só permitia o acesso de destacados alunos, garantindo aos membros aprofundamento de estudos e reconhecimento acadêmico e profissional entre seus pares.

Convém analisar o significado da presença de Vianna dentro da *Architectural Society*, [Figura 3] por ter sido ele o único brasileiro, no período pesquisado, (1876 e 1950), a ter frequentado esta agremiação. A *Architectural Society* foi fundada em fins do século XIX, em data incerta, mas, possivelmente depois de 1890, e era formada por alunos de graduação escolhidos por seus excelentes desempenhos nas “*Design Classes*”. Junto dos alunos, os instrutores das disciplinas

> **arquitetura moderna das escolas "s" paulistas, 1952-1968:** projeto para a formação do trabalhador. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo.

¹⁷ UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. The Record of the Class of 1918. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1918. University of Pennsylvania. The Record of the Class of 1919. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1919.

¹⁸ É importante frisar que até mesmo nos estudos de francês, língua que era mais frequente nos estudos de segundo grau do Brasil, Vianna teve dificuldades de aprovação, o que permite contestar a assertiva de que era, em grande medida por conta do idioma – supostamente mais familiar – que os brasileiros rumavam à Europa para estudarem. University of Pennsylvania, Architectural Archives, Folder: Vianna.

¹⁹ Durante os anos finais de sua graduação, Vianna participou do “second soccer team”, e residiu em pensões próximas ao *campus*, a saber: durante 1916 e 1917 era seu endereço o número 3216 da *Chestnut Street*; e durante 1918 e 1919 ele assistia ao número 3417 da *Walnut Street*. UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, Architectural Archives, Folder: Vianna.

²⁰ Esta instituição oferecia, desde o último decênio do século XIX, bolsas aos estudantes estadunidenses para refazerem, em Paris e Roma, a viagem concedida aos *Grand-Prix de Rome*, tradicionais na *École de Beaux-Arts*. O segundo lugar obtido por Vianna demonstra que ele havia sido um dos estudantes brilhantes na Penn. COSTA, op. cit., p. 271.

de *Design* (Projeto) eram recebidos como membros honorários. Segundo artigo publicado na revista *Architectural Record*, em 1901, “a sociedade [tinha] encontros mensais, ao longo do ano acadêmico, em eventos com forte caráter social. Diferentes membros do corpo docente [discursavam] para os homens, e diversas espécies de entretenimentos, incluindo música e lauta degustação [eram] providenciados pelos alunos”.²¹ A associação também publicava os trabalhos realizados pelos alunos, no *The Year Book of the Architectural Society*, e promovia exposições pelas demais escolas de Arquitetura dos Estados Unidos, com a finalidade de divulgar o nome da Penn.²²

Embora se tenha tentado encontrar o livro publicado pela *Architectural Society* no período em que Vianna dela participou, não se obteve sucesso, uma vez que, ao contrário do que sugeria a revista *Architectural Record*, em 1901, nem em todos os anos houve publicação deste catálogo, especialmente durante a Primeira e Segunda Guerras, conforme nos relatou William Whitaker, responsável pelos *Architectural Archives* da Penn. Desta forma, foi impossível localizar trabalhos realizados por Vianna durante sua graduação. Esboços similares aos que deve ter sido feito em seus anos na Penn são encontrados por meio da seleção de desenhos e fotos de projetos dos egressos da *School of Architecture*, publicados no *Book of the School*, em 1934.²³

Com relação à graduação de Edgard Vianna, é muito importante frisar que ele não foi aluno de Paul Philippe Cret, o professor francês mais proeminente da Penn, no começo do século XX. O frustrado encontro acadêmico de Paul Cret e Edgard Vianna extrapolou os meandros universitários, pois foi por conta da eclosão do conflito de 1914 que o francês ficou retido na Europa. Sendo arquiteto, e ainda em idade militar, ele foi selecionado pelo exército francês para atuar na Guerra. Cret esteve envolvido no conflito por cinco anos, só retornando à Filadélfia, em 1919, exatamente no período em que Vianna chegou e partiu da Penn.²⁴

Analisando o conteúdo programático ministrado a Vianna, vê-se que ele, aparentemente, não foi muito diverso daquele ministrado por Cret a outros alunos. Entretanto, durante a ausência de Paul Cret, a Penn valeu-se de alguns dos discípulos mais diretos deste arquiteto, sobretudo de seus antigos alunos, para a ministração das disciplinas antes encabeçadas pelo francês. Em seu lugar,

²¹ Tradução minha. *Architectural Schools in the United States: University of Pennsylvania. The Architectural Record*. New York: v. 10, n.2, mar. 1901, p.334.

²² No ano de 1919, quando Vianna fazia parte dela, a *Architectural Society* era composta assim: Alvin Bieber, presidente, William H. Livingstone, vice-presidente, John Craig Janney, secretário, Eugene F. Griffith, tesoureiro. Membros: James K. Smith, George Marshall Martin, John Platt Roberts, Gerard A. Anderson, Edgar P. Vienna [sic], Roland C. Anglemeyer, Clayton E. Jenkins, Arthur D. Kline, Lewis D. Cook, Harry Antenen, Paul Forrester Taylor, Edgar D. Tayler, Samuel B. Baylinson, mais Harold Webber, John W. Brooks e Lorenzo Bull. *University of Pennsylvania. The Record of the Class of 1918*. Philadelphia: The Senior Class of the College, p.136).

²³ KOYL, George Simpson. In: **Architectural Alumni Society**. *Book of the School*. Department of Architecture, University of Pennsylvania, 1874-1934. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934.

²⁴ GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. **The civic architecture of Paul Cret**. New York: Cambridge University Press, 1996.

especialmente, esteve John Frederick Harbeson.²⁵ Durante sua carreira, Harbeson esteve sempre ao lado de Cret, de quem se tornou colaborador, após a Guerra, e sócio, a partir de 1923, no escritório que Cret mantivera com Albert Kelsey - ex-aluno da instituição - na Filadélfia, anos antes.²⁶

Foi exatamente este elevado grau de admiração que levou Harbeson a expor aos alunos, durante as aulas de *Design*, as soluções projetuais de Paul Cret, especialmente uma das obras mais famosas produzidas pelo francês, nos Estados Unidos: o edifício-sede do *Pan American Union Building*, atual sede da Organização dos Estados Americanos – OEA - desenhado por Cret e Kelsey, em 1907, para a cidade de Washington, conquistado por meio de um concurso fechado. Este edifício, que externamente ostenta a aparência de uma *Maison Française*, como almejava Paul Cret, venceu este concurso promovido pelo *Bureau* de relacionamento das repúblicas americanas, por ser conciliador das referências europeias e latinas de arquitetura, materializadas nos ornamentos incas, astecas, maias, e, sobretudo, nas soluções hispânicas de arquitetura, como um pátio central que se desenvolve em torno de uma fonte [Figura 4].²⁷ Crê-se que foi por intermédio deste tipo de repertório divulgado em sala de aula, que Edgard Vianna se tornou um entusiasta da arquitetura de caráter hispânico, denominada *mission style*, da qual pode ser apontado como um dos maiores divulgadores no Rio de Janeiro.

As referências ao *mission style* adentraram, de vez, à Penn, por meio desta obra de Paul Cret e Albert Kelsey, e foram alimentadas pela compra de publicações voltadas ao gênero, pela Biblioteca da universidade, onde podiam ser localizados exemplares dos livros de Rexford Newcomb, - também encontrados no acervo de Vianna, com data que remete à sua presença na Filadélfia-; de Randolph William Sexton, também ex-aluno Penn, formado em 1910, e autor de muitos títulos nesta área, e da coleção de gravuras mantidas por Cret e por Harbeson, algumas das quais utilizadas nos livros que este último lançou, em 1926 e 1928, de títulos: *The Study of Architectural Design, with Special Reference to the Program of the Beaux-Arts institute of Design*, e *Winning designs, 1904-1927, Paris Prize in Architecture, Lloyd Warren Memorial*, este, localizado, também, no acervo da ENBA, no Rio de Janeiro.²⁸

Edgard Vianna graduou-se em 19 de outubro de 1919 e, pelo que foi pesquisado, retornou ao Rio de Janeiro, na sequência. Seu retorno, contudo, se deu em condições diferentes das de sua partida. Ele era, então, não apenas um arquiteto diplomado no exterior, mas, também, um senhor

²⁵ Harbeson nutriu pelo francês um grau de admiração tão elevado, que chegou a batizar seu filho de *Paul Cret Harbeson*. Cf. GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. **The civic architecture of Paul Cret**. New York: Cambridge University Press, 1996.

²⁶ O escritório ainda existe, sob a denominação de *H2L2*, por causa dos titulares *William J. H. Hough, William Livingston, Roy Larson* e o próprio Harbeson que continuou a obra de Cret após o falecimento deste, em 1945.

²⁷ GROSSMAN, op. cit., p. 27-43.

²⁸ ATIQUE, Um Sotaque Disfarçado..., op. cit.

casado. Nos Estados Unidos, Vianna casou-se com a norte-americana Elizabeth Barret, filha de irlandeses, nascida na Filadélfia, e que, pelo que informou seu neto, James Lawrence Vianna, muito o ajudou com o aprendizado da língua inglesa e com os trabalhos acadêmicos, permitindo-lhe “aclimatar-se” aos estudos nos Estados Unidos. Elizabeth Barret não chegou a cursar a Penn, tendo concluído apenas o ensino de segundo grau, quando se casou com Vianna, em data ignorada. Com ela, Edgard Vianna teve seu único filho: Edgar Barret Vianna.

No Rio de Janeiro, a materialização de conceitos

De volta ao Rio de Janeiro, Vianna submeteu-se ao “exame de proficiência” de sua formação nos Estados Unidos. O projeto que apresentou foi o de uma “Casa de Apartamentos”,²⁹ cuja solução de entrada era uma portada de referências coloniais [Figura 5].³⁰ O tema não podia ser mais norte-americano, e, ao mesmo tempo, explicativo de sua formação na Penn: um arranha-céu com ornamentos hispânicos.

Após conseguir equiparar seu diploma, ele abriu escritório à Avenida Rio Branco, no número 103, sala 11, bem no centro da então capital federal. Seu cartão de visitas, nessa época, era muito original em termos de formatação gráfica e, pelo que foi descoberto nos Estados Unidos, muito semelhante a inúmeros cartões pessoais de arquitetos daquele país. Outra versão deste mesmo cartão ostentava os dizeres de que ele era graduado pela *University of Pennsylvania*, algo que procurava criar uma distinção positiva de seu trabalho junto à sociedade carioca [Figura 6].

Vianna fez parte das sociedades de classe dos arquitetos, no Rio de Janeiro, como o “Instituto Central de Architectos”; foi membro da Comissão Técnica da Exposição do Centenário da Independência, ocorrida no Rio, em 1922, onde se aproximou profissionalmente, de Adolpho Morales de los Rios, e promoveu eventos sociais e arquitetônicos em alguns lugares do país, como a “Exposição de Architectura de Bello Horizonte”, de 1923, documentada pela revista *Architectura no Brasil*³¹. É de sua lavra, também, o início da manifestação marajoara de arquitetura na cidade do Rio de Janeiro.

Vianna projetou muito, especialmente no Rio de Janeiro, empregando, em muitas obras, o *mission style*. Foi, inclusive, por causa dessa forma de arquitetura que ele conquistou, em 1926, o grande prêmio no Primeiro Concurso de Fachadas promovido pela Prefeitura do Rio, com umas das duas casas construídas para

²⁹ O mesmo que prédio de apartamentos, no linguajar dos anos 1910-1920. A respeito, ver ATIQUÉ, Fernando. **Memória Moderna**: a trajetória do Edifício Esther. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2004.

³⁰ CASA DE APARTAMENTO. Estudo devido á proficiencia de Edgard Vianna, architecto. **Architectura**: mensário de arte. Rio de Janeiro: a. I, n.1, 8 jun., 1929, p.40.

³¹ EXPOSIÇÃO de Architectura de Bello Horizonte. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, set, 1923, p. 185.

a família *Terry Parker*, à rua Mauá, número 64, em Santa Teresa.³² Esta casa foi publicada em diversos meios, em especial nas revistas *Architectura no Brasil* e *A Casa*. Nesta última, as fotografias revelaram bem a ascendência hispânica da obra, pois duas jovens vestidas de espanholas posaram por alguns cômodos da residência [Figura 6].³³

Ele também projetou a casa-sede da Usina São José [Figura 7], de propriedade de Gonçalo Vasconcelos, em Campos, interior fluminense, em estilo missões com pretensões panópticas,³⁴ além de uma escola para pescadores, na praia de Jurujuba, em Niterói, dentro de um programa de alfabetização de povos litorâneos mantido por pouco tempo pelo governo federal.³⁵

Dentro do repertório historicista *beauxartiano*, ele publicou o projeto de um banco para o Rio de Janeiro, em estilo grego, supostamente um dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos por ele, já que não traz indicações de cliente e endereço do projeto.³⁶

Vianna trabalhou em sociedade com muitos arquitetos do Rio de Janeiro, dentre eles, Mario Fertin Vasconcellos, com quem desenvolveu a proposta de Porta Monumental para a Exposição do Centenário, com ornamentos que iam de azulejos com motivos marítimos até folhagens e demais estilizações indigenistas.³⁷ Com Roberto Lacombe, nos anos 1930, manteve escritório fixo, como atesta o cartão profissional encontrado em seu acervo. Em revistas da década de 1920, foi possível ver seu nome associado a outros profissionais, como Raphael Galvão, com quem desenvolveu a proposta do Pavilhão de Exposições do Brasil para a *Sesquicentennial Exposition of Philadelphia*, que celebraria os 150 anos da Independência dos Estados Unidos, projeto que conciliou referências hispânicas com luso-brasileiras no feitiço da arquitetura.³⁸ Paulo Santos, inclusive, explicitou, em *Quatro Séculos de Arquitetura*, que foi este projeto de Vianna e Galvão que “lançou [a] moda” do *mission style*, no Brasil.³⁹

O escritório de Edgard Vianna foi ponto de referência para a formação de muitos arquitetos. Enquanto esteve associado a Raphael Galvão, por exemplo, o então estudante Abelardo de Souza ali estagiou e, pelo investigado, assimilou bem o uso do *Mission Style*, no início de sua carreira.⁴⁰ O escritório de Vianna era,

³² DUAS RESIDENCIAS em estylo ‘missões hespanholas’ á rua Mauá, n. 62 e 64 – Santa Theresa. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.25, v.5, a. III, nov, 1925, p.16-18, p.23, separata de desenhos.

³³ CASA à rua Mauá, 64. Edgard P. Vianna – architecto, José Giordano – constructor. **A Casa**. Rio de Janeiro: a.VI, n.66, dez, 1928, p.28-31.

³⁴ Acervo de James Lawrence Vianna.

³⁵ VIANNA, Edgar P. Uma escola no littoral do Brasil. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.9-10, v.2, jun-jul, 1922, p. 35, 36; 39 e separata.

³⁶ PROJECTO para o banco do Rio de Janeiro. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro, n.23, v.4, a. II, ago, 1923, p. 129, 131 e 133.

³⁷ A EXPOSIÇÃO do Centenario. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, a. II, set, 1923, p. 143-154.

³⁸ PERSPECTIVA do ante-projecto para o pavilhão do Brasil na exposição de Philadelphia. Rapahel Galvão e Edgar Vianna, architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro, n.28, v.5, abr-mai, 1926. (capa da edição).

³⁹ SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1980, p.94.

⁴⁰ CONSTANTINO, Regina Adorno. **A obra de Abelardo de Souza**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004, p.44.

também, procurado com frequência pela imprensa carioca, como a reportagem assinada por ele, para *O Jornal*, em 3 de setembro de 1931 revela. De título: *O Problema Arquitetônico Nacional – a casa deve ser feita para o homem, e não o homem para a casa*, Vianna discorreu sobre a arquitetura que, depois, se convencionou chamar de “moderna”. Diz ele, no texto:

*A arquitetura, como todos os conhecimentos humanos, só pode progredir por escalas, e não foi aos saltos que a ciência atingiu a perfeição moderna. A civilização não passou da taba dos selvícolas para os arranha-céus, nem o Parthenon foi improvisado da noite para o dia. As idéias expendidas pelos chamados ‘modernistas’ não são novas, pois já de há muito conhecidas, não eram empregadas, entretanto pelo marasmo de uma grande maioria, mas, já eram difundidas sem o rotulo de novidade, nas agremiações de ensino de arquitetura bem organizadas.*⁴¹

Embora, possa soar como beligerante, o discurso de Edgard Vianna inscrevia-se em uma linha “conciliatória”, pois, dizia ele que:

*a tendência modernista, só a compreendo na sua evolução gradativa, sensata e sem precipitações”. Inculcava, ainda, que “o arquiteto atual de posse dos conhecimentos básicos e profundos de sua profissão, e com o necessario respeito a todo trabalho de procura, das gerações anteriores, pode realizar obra nova e eficiente, sem estardalhaço, desde que se oriente logicamente.*⁴²

Mesmo discorrendo sobre temas polêmicos, e sempre respeitado por sua formação americana, poucos foram os textos que Vianna deixou publicados. O maior deles e, talvez, o mais contundente acerca da origem de suas referências arquitetônicas, seja o contido em *Inquietação das Abelhas*, de 1928, pelo qual discursa sobre a sociedade americana, seus marcos arquitetônicos e seu modo de projetar, nos anos 1920:

*Durante a minha longa estada na America do Norte tive ocasião de ver e estudar, em realidade, esses formidáveis exemplos de energia americana. Como já tive ocasião de dizer pela imprensa, o ‘skyscraper’ [sic] americano reflecte o espirito desse grande povo de organização perfeita, idéias inovadoras e capacidade de trabalho admirável! Sente-se que ao contemplal-os que, se os retirássemos dalli, teríamos aberto falhas insubstituíveis, e dahi o podermos afirmar a necessidade de sua construção. Construir um ‘skyscraper’ [sic] é, a meu ver, um problema que deve ser seriamente encerrado. Os longos annos de experiencia dos americanos, nesse genero de construções, deram-lhes grandes ensinamentos que nos poderão ser de incomparavel utilidade. Com o tino pratico que possuem, elles têm abordado o problema pelo lado financeiro, constructivo e esthetico. Tenho acompanhado de perto e com o maior interesse a evolução constante desse typo de architectura e, francamente, devo dizer que, para fazer um ‘arranha-céo’ não basta construir quatro paredes, fazer aberturas para janellas, amontoar decorações a esmo, sem obedecer a um partido definido de composição.*⁴³

Vianna, no texto acima, faz questão de pontuar sua presença nos Estados Unidos e expõe que, durante sua graduação, o tema da verticalização também fez parte dos estudos ministrados a ele

⁴¹ VIANNA, Edgard. O problema arquitetônico nacional. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 3 de setembro de 1931, s/p.

⁴² Idem, ibidem.

⁴³ COSTA, op. cit., p. 276.

na Penn, o que ajuda a entender um pouco melhor o escopo de temáticas trabalhadas na *School of Architecture*. Entretanto, embora tenha sido localizada uma carta escrita pelo professor e antigo diretor da Escola de Arquitetura da Penn, *Warren P. Laird* a Vianna, por ocasião dos preparativos da viagem deste professor para o III Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido, em 1927, em Buenos Aires, não foi possível localizar a resposta do arquiteto, como fizera, por exemplo, Christiano Stockler das Neves, o que permite ver que Vianna, embora divulgasse seu apreço pelos Estados Unidos não soube, não pode, ou não quis manter os vínculos com sua antiga escola.⁴⁴

Entretanto, seu papel de “conector cultural” com os Estados Unidos não fica inviabilizado, pois sua vivência social, no circuito cultural e arquitetônico carioca, também permitiu que ele transitasse por outras funções, igualmente demonstrativas de seus vínculos com aquela nação. No ano de 1931, o arquiteto estadunidense *Frank Lloyd Wright* esteve no Brasil. Sua passagem pelo país foi ocasionada pela participação, como jurado, num concurso para um farol a ser erigido em honra a Cristóvão Colombo, na República Dominicana. Esse concurso, de âmbito internacional, fora realizado sob os auspícios da *Pan American Union*, e sob idealização de Albert Kelsey, o antigo sócio de Paul Cret, e co-autor do edifício desta associação, em Washington. O concurso tivera sua primeira fase realizada em Madri, em 1929. Lá, dos quatrocentos e cinquenta trabalhos recebidos, dez foram selecionados para a etapa final, que ocorreu, no Brasil, em 1931. Essa etapa desenvolvida no Rio de Janeiro foi julgada pelos arquitetos “Albert Kelsey (delegado da União Pan-americana), Horácio Acosta y Lara (representante da América Latina), Wright (América do Norte) e Eliel Saarinen (Europa)”. A esses, juntaram-se jurados, expoentes do cenário arquitetônico da então capital federal, como “Nestor E. de Figueiredo (presidente do Instituto Central de Arquitetos), Adolfo Morales de los Rios, Cypriano Lopes, Edgard Vianna, Leônidas Vargas Dantas e [...] Archimedes Memória, diretor da ENBA”⁴⁵ No certame Vianna também atuou como intérprete de Wright, função que dividiu, durante as conferências deste arquiteto na ENBA, com Alcides da Rocha Miranda.⁴⁶

Nos anos 1930, Vianna começou a dar sinais de vinculação à Arquitetura Moderna. Na residência Affonso Gomes Dias, por exemplo, construída por Eduardo Souto de Oliveira, em

⁴⁴ UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. University Archives and Record Center. Correspondence from W.P. Laird to E. Vianna, May 5, 1927. Laird Papers – 05/05/1927.

⁴⁵ [grifo meu]. O Concurso sagrou vencedor a proposta de *J.L. Gleave*, de *Nothingham*, com um projeto em cruz, de aspecto *déco* em sua versão aerodinâmica, à qual Irigoyen atribui certa ascendência wrightiana na escolha. O segundo e o terceiro lugares ficaram, respectivamente, com *Donald Nelson*, de New York, e *Edgard Lynch*, de Paris. Mais informações sobre o projeto premiado, e sobre os demais classificados podem ser obtidas IRIGOYEN, Adriana. **Wright e Artigas**: duas viagens. São Paulo: Ateliê / FAPESP, 2002: p.36-44.

⁴⁶ NEDELYKOV, Nina; MOREIRA, Pedro. Os caminhos da arquitetura moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright. **Arquitextos 018.03**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/829> Acesso em 01 de abril de 2005.

1934/1935, ele aliou os métodos de concepção volumétricos, do que viria a ser chamado de art déco, com poucos ornamentos em estilo marajoara, por ele desenvolvidos desde o começo daquela década.⁴⁷ Pelo que revelou a pesquisa, esta foi sua última obra construída, uma vez que veio a falecer em 30 de outubro de 1936, vítima de *angina pectoris*, no Rio de Janeiro, onde está sepultado.

Considerações Finais

As considerações de George Simmel acerca da chamada “sociologia das formas”, pela qual o pensador germânico apontou a pertinência de análise das microesferas da sociedade, por meio das interações entre seus atores sociais, servem de balizas a este artigo. Aqui, a análise está devotada à trajetória de Edgard Pinheiro Vianna, arquiteto envolvido com iniciativas ligadas à renovação física, imagética e cultural do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

Sua presença para traduzir as palavras de Wright, os projetos executados para a alta sociedade carioca e também paulista – ele projetou um Cassino Theatro, em 1923 para a Estância de Águas da Prata, em São Paulo, francamente inspirado no *Pan American Union Building*⁴⁸ -, sua luta pelos direitos dos arquitetos brasileiros, sua presença nas mais importantes revistas de arquitetura do Brasil nos anos 1920 e 1930, seu trabalho ao lado de personagens que obtiveram proeminência nos rumos da arquitetura brasileira, atestam que existe uma lacuna no desenvolvimento da historiografia arquitetônica no Brasil, pois, personagens que, outrora, estiveram no foco principal, hoje, são ignorados por completo, levando, a reboque, as arquiteturas que alteraram a feição das cidades durante várias décadas. A trajetória de Edgard Pinheiro Vianna é singular para atestar esta constatação de quem, outrora, esteve no foco do grande circuito, no entanto, agora, está fora dos manuais de história de arquitetura.

À guisa de conclusão, é conveniente dar a palavra ao nosso personagem em questão, que em meados dos anos 1920 fez a seguinte apreciação sobre os caminhos da arquitetura carioca:

Era costume nosso, até bem pouco tempo, lastimar a hediondez do nosso typo commum de casa comercial. Reclamávamos e agredíamos o portuguez que nol-as havia legado. Pois bem. Sem exaggero, o mal que esses antepassados nos fizeram está muito longe do prejuízo que está causando ao Rio de Janeiro a mentalidade que delinêa e constróe as obras do recanto da Ajuda. Basta refletir que os anões antigos eram fáceis de desmanchar, tanto pelo material de que eram argamassados, cal e tijolo, como pelo seu pouco preço intrínseco. Entretanto, os monstros horrendos de agora, são

⁴⁷ CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000, p. 68.

⁴⁸ VIANNA, Edgar P. Cassino Theatro, para a Estação do Prata. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.21, v.4, jun, 1923, p.41-45.

*eternos. Eternos pelas quantias fabulosas que custam, e eternos pelo concreto, pelo ferro, pelo cimento armado, que até os movimentos telluricos, no Japão, respeitaram.*⁴⁹

Na passagem acima, o arquiteto mostrou sua arguta percepção sobre as metaformoses da paisagem carioca, revelando sua preocupação com o que adviria da conjugação de materiais, dinheiro, construtores e história. A cidade atual pode nos atestar isso.

⁴⁹ COSTA, op. cit., p. 276.

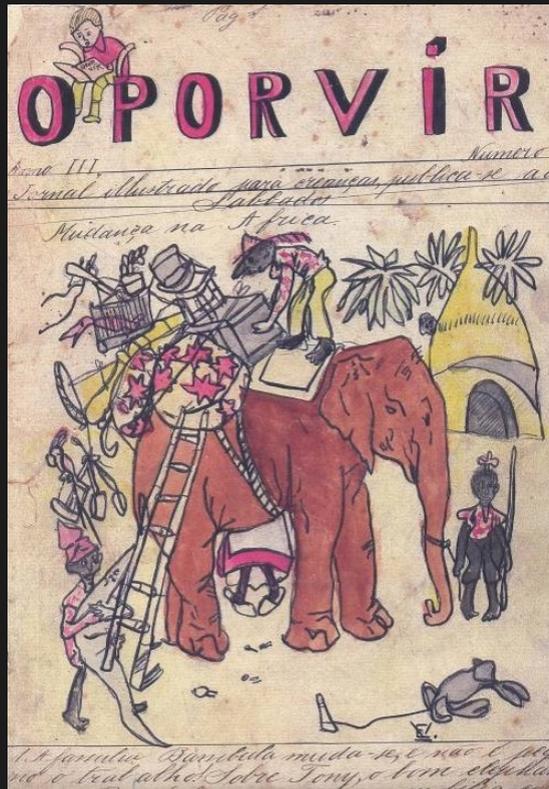


Figura 1 – EDGARD PINHEIRO VIANNA: *Capa de uma edição d'O Porvir*, c.1908.
Aquarela sobre papel vegetal, 30 x 40 cm.
Rio de Janeiro, Arquivo pessoal de James Lawrence Vianna.
Foto: James Lawrence Vianna, 2010.



Figura 2 – THOMAS WEBB RICHARDS: *College Hall, University of Pennsylvania*, c.1868.
Foto: Fernando Atique, 2006.

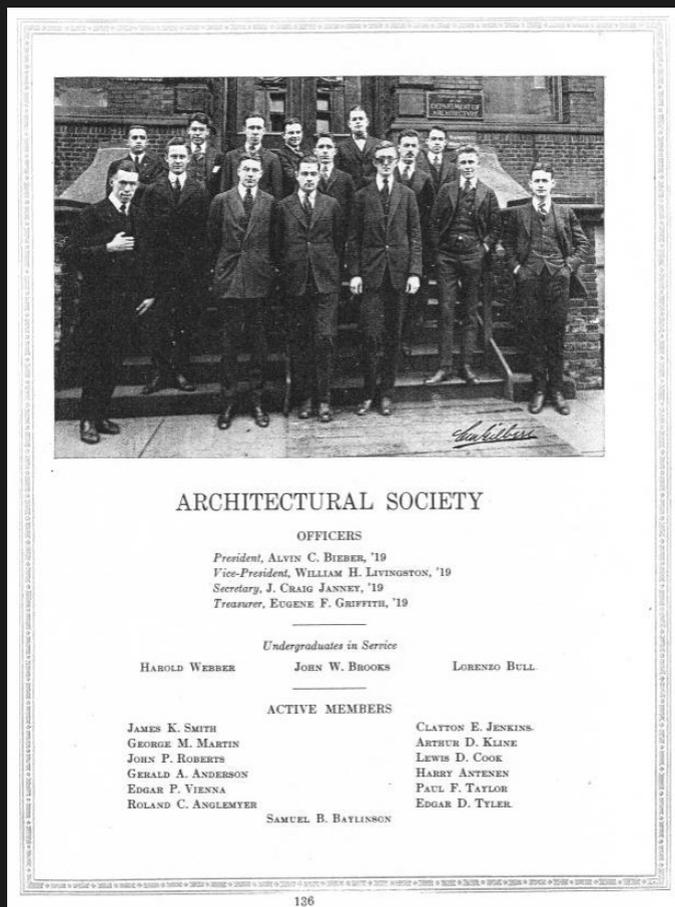
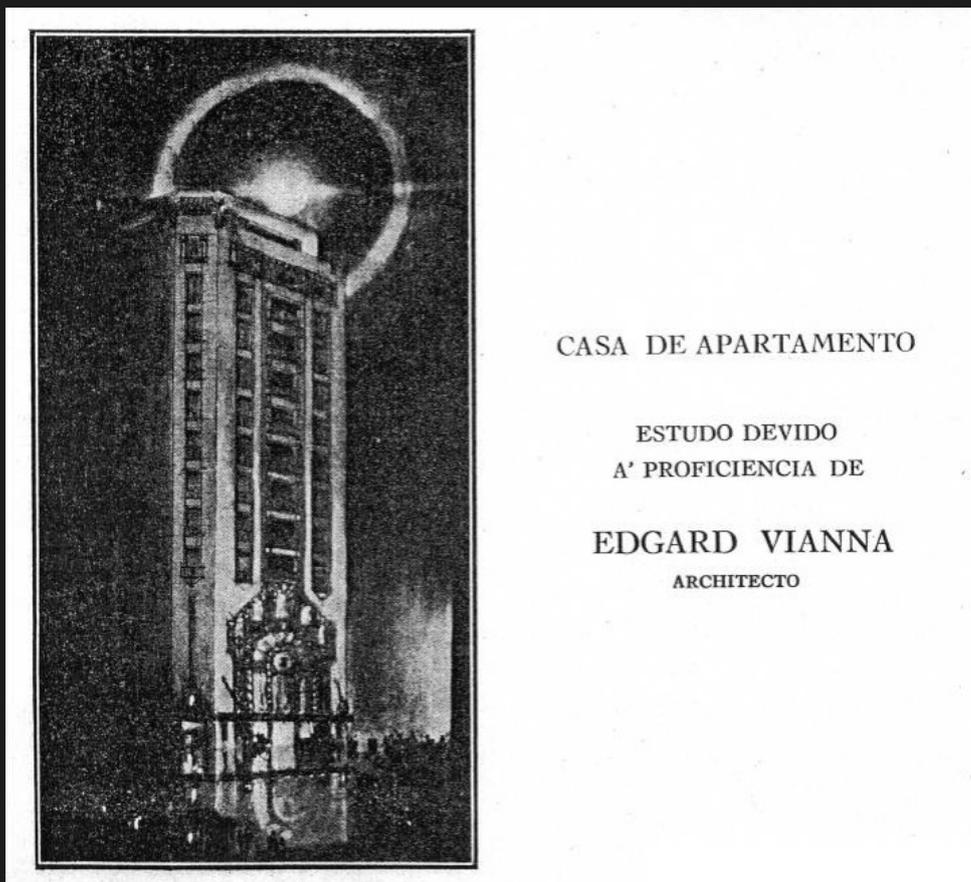


Figura 3 – Membros da ARCHITECTURAL SOCIETY, 1919.
 Fonte: *The Record of the Class of 1919*, University of Pennsylvania.



Figura 4 – PAUL PHILIPPE CRET e ALBERT KELSEY: *Pan American Union Building*, 1907.
 Washington, D.C. Estados Unidos da América.
 Fonte: ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a Boa Vizinhança*. São Paulo: FAUUSP, 2007.



CASA DE APARTAMENTO

ESTUDO DEVIDO
A' PROFICIENCIA DE

EDGARD VIANNA
ARCHITECTO

Figura 5 – EDGARD PINHEIRO VIANNA: *Perspectiva de seu Exame de Proficiência*, c.1920.
Carvão sobre *canson*, sem dimensões.

Fonte: *Architectura*: Mensário de Arte, n.1, jun 1929.



Figura 6 – EDGARD PINHEIRO VIANNA: *cartão profissional*, década de 1920.
Tipografia, 12 x 8 cm.

Fonte: Acervo particular de James Lawrence Vianna.

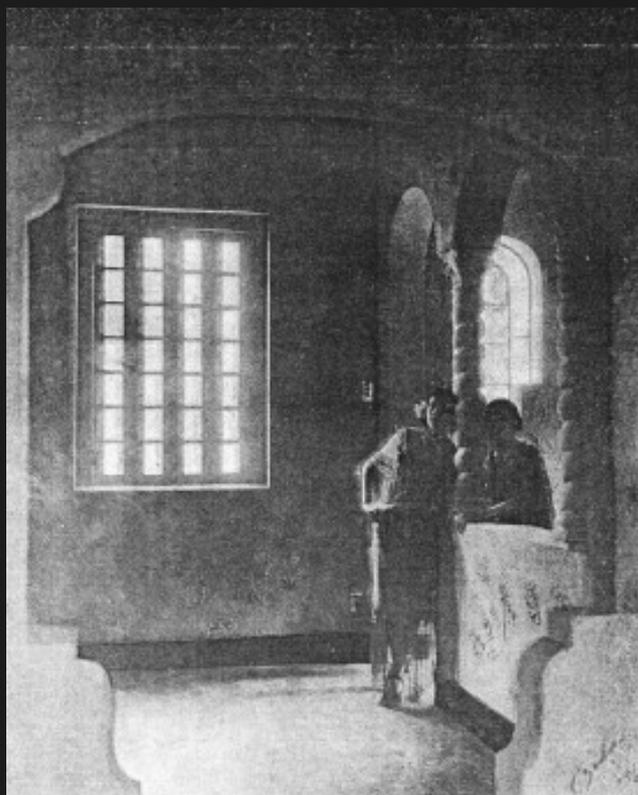


Figura 7 – EDGARD PINHEIRO VIANNA: *Interior da casa Terry Parker*, década de 1920.
Fotografia, sem identificação de autoria.
Fonte: *A Casa*, a. VI, n.66, dez, 1928, p.30.



Figura 8 – EDGARD PINHEIRO VIANNA: *Casa-sede da Usina São José*, década de 1920.
Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes.
Foto: James Lawrence Vianna, década de 1990.